

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO, AVALIAÇÃO E PRODUÇÃO PEDAGÓGICA EM
SAÚDE - EDUCASAÚDE
RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL INTEGRADA EM SAÚDE MENTAL
COLETIVA**

HELOÍSA GERMANY

**DE UM OLHAR PERIFÉRICO:
nublado, embaçado e desfocado**

Porto Alegre

2013

HELOÍSA GERMANY

**DE UM OLHAR PERIFÉRICO:
nublado, embaçado e desfocado**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós Graduação em Educação, Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde (EducaSaúde), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação em Saúde Mental Coletiva.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa

Porto Alegre

2013

Agradecimentos

Agradeço à todos pela leveza dos encontros e sonhos compartilhados.

À minha amiga Graciela Caputti por me apresentar os caminhos da saúde mental.

Ao meu orientador e parceiro do Projeto Espaço Liso Luciano Bedin pela confiança, delicadeza e dedicação ao nosso trabalho. Também por “me ajudar a olhar o mar”.

Às minhas parceiras do quarteto fantástico, Dani, Glauce e Liana, pela linda amizade que construímos nesse percurso. Pela força, abraços e sorrisos.

Aos demais colegas Renata, Ariane, Mayara, Isaquiel e Laura pelo companheirismo e trocas afetivas.

Aos tutores Camila e Ricardo pelo acolhimento e aprendizado.

À Francilene Rainone pelo exemplo de dedicação e ética. Pelo respeito e afeto.

Ao EducaSaúde por me proporcionar essa experiência.

À Vanessa Panozzo e Stelamaris Tinoco pela cumplicidade na troca de olhares.

À Lisiane Rabelo pela parceria na arte e carinho na escuta.

À Rebeca Litvin pelos abraços sinceros.

À todos os trabalhadores dos serviços por onde passei e parceiros de oficinas, em especial Luís Ferreira, Priscila D’ávila e Roberson Rosa.

À todos os usuários pelos encontros.

À minha família pelo amor e dedicação. Pretinha (minha mãe), papi e manos.

Também à minha prima Paula, meu afilhado Arthur e sobrinha Rafaella.

Ao Barthô pela saudade de todos os dias. Pela alegria expressa em pulos e lambidas.

À Frida pelo motorzinho felino que embala meus sonhos com o som mais aconchegante do mundo.

Ao meu amor Kju, por me fazer rir mais da vida, pelo aconchego no peito e partilha de todos os momentos.

A cada momento uma perfeição de forma surge numa mão ou rosto; alguma tonalidade nas colinas ou no mar é mais preciosa que as demais; algum estado de paixão ou de visão ou de excitação intelectual é irresistivelmente real e atraente para nós – por aquele momento apenas. Não o fruto da experiência, mas a própria experiência, é o fim. (...) Arder sempre nessa sólida chama pétrea, manter o êxtase, é o sucesso da vida.(...) Enquanto tudo se desmancha sob nossos pés, bem podemos tentar aferrar alguma paixão rara, alguma contribuição ao conhecimento que com o clarear de um horizonte pareça deixar o espírito em liberdade por um momento, ou alguma excitação dos sentidos, estranhas tintas, estranhas cores e cheiros curiosos, ou obra de mão de artista ou o rosto de pessoa amiga.

Walter Pater, História da beleza

Resumo

Esta escrita apresenta fragmentos de uma vivência de dois anos durante o percurso da Residência Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ensaia recortes de um olhar estrangeiro que se mistura na composição cotidiana das redes substitutivas de atenção à saúde mental. Um olhar de artista, implicado na percepção do entorno e distraído com movimentos e manchas fora de foco. Atravessado pelo afeto e disponível aos encontros. Um texto que desenha sensações e intensidades. Medo, cor, angústia, dança, silêncio e criação. Inspirado pela ética da experimentação faz do balanço de gente a invenção das ondas.

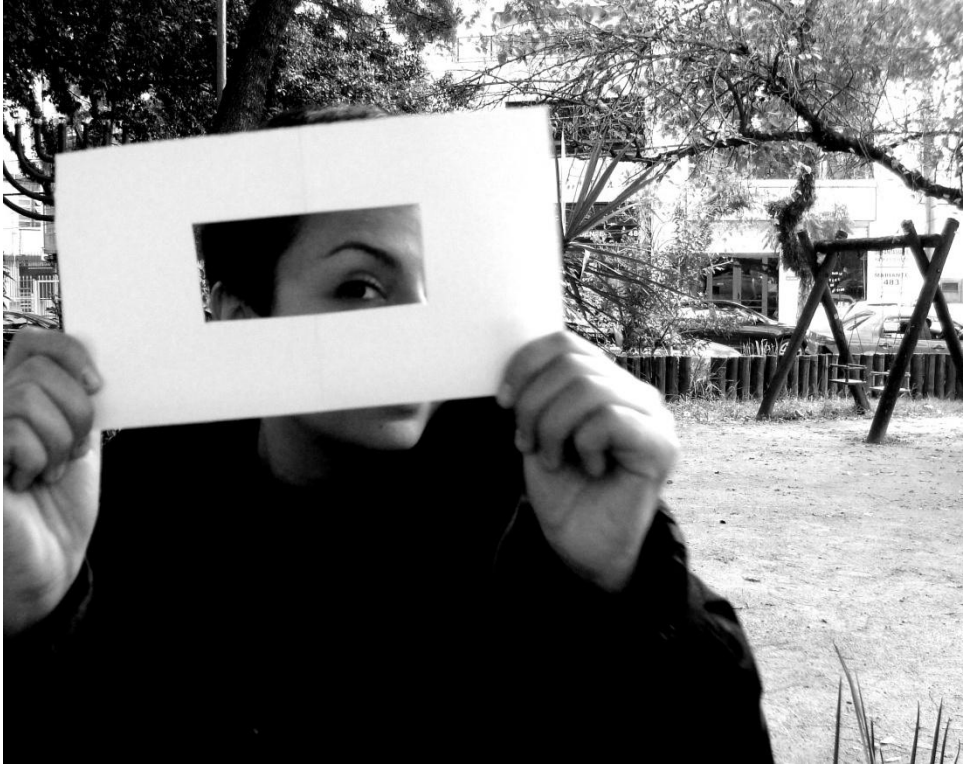
Palavras-chave: Arte, olhar periférico, ética, experimentação e encontros.

Sumário

1. De um Olhar Periférico	5
1.1. O apanhador de desperdícios.....	11
2. Do Espaço Liso.....	12
3. Por um cuidado de todos.....	23
4. O desenho dos rostos.....	24
5.O tule em cena.....	26
6. Momento Abbey Road.....	29
7. De tocar e ser tocado.....	30
8. A leveza de pé no chão.....	31
9. Vontade de goiaba.....	32
10. O trabalho em reabilitação.....	33
11. De outras forças.....	35
12. Um pouco sobre ser mulher.....	36
13. De um corpo inquieto.....	41
14. De muros e maçanetas.....	43
15. Com óculos e espelhos.....	46
16. Da morte.....	47
17. Das cólicas.....	50
18. Da Lei do silêncio.....	53
19. Referências.....	57

De um olhar periférico

Nublado, embaçado e desfocado.



Este livro não é dirigido só a filósofos, psicanalistas, trabalhadores em saúde mental (embora a estes possa ser particularmente útil), mas aos que alguma vez já desconfiaram que essa vida morna e tola que nos é oferecida e alardeada como a única possível, desejável e saudável esconde outras tantas. Cujas beleza e tentação cabe reinventar.

(PELBART, 1993, pg. 13).

Uso as palavras de Peter para introduzi-los a uma experiência de escrita um pouco diferente. Sem a pretensão de que seja “útil”, mas ao menos reflexiva.

Simples, com poucas vírgulas, muitos pontos e novos parágrafos.

Distante da tradicional pesquisa acadêmica ousou contar-lhes um segredo: aqui não existe um foco definido. Portanto não esperem linearidades no discurso, nem mesmo uma narrativa histórica. Aqui cabe a reinvenção.

Trago comigo as memórias de um percurso.

Quero falar essencialmente sobre como têm sido existir frente às diferentes experiências durante a residência e de que forma foi possível perceber ou até mesmo inventar novas possibilidades de vida a partir disso. Mas, antes de tudo, precisei me reinventar. Tentei decifrar pesares, gestos e a própria razão. Senti angústia por cada poro do meu corpo.

Entre nesse percurso de passo pequeno, num tempo meu, lento. Observador. E antes da fala, o tato. Extremamente desacomodada com sorrisos de gengiva e discursos dadaístas. Impregnada por olhares estranhos e acolhida pela diferença. Minha. Do mundo.

A tal loucura se apresentou pra mim numa forma ingênua e animalesca de se apreciar uma goiaba. Tanto quanto num desmaio epilético em poça de sangue no instante de uma fotografia. Duas cenas que ecoam incansavelmente na minha mente. Da primeira não lembro a rua nem sequer reconheceria tal goiabeira, vi apenas um gesto. Simples, doce, verde e rosa. Da outra só vi e ouvi o despencar de um corpo sem freio. A poça bordô se fez no chão e minhas pernas amoleceram, me tiraram dali.

É forte e (in)tenso. Fácil desequilibrar com um assopro. Mas seduz.

Questionei-me centenas de vezes se eu deveria estar ali e se eu conseguiria viver tão perto da loucura. Mas não era o caso, pois agora vejo que ela se faz presente na vida e no meu cotidiano. Não vou me ater aqui a conceitos e muito menos a diagnósticos, só digo que isso pouco importa porque nessa trajetória encontrei pessoas, não estigmas. Encontrei vidas despedaçadas e razões suficientes para enlouquecer.

Por isso falo em olhar periférico como uma percepção do entorno, da vida, das minúcias. Um olhar que se distrai com movimentos, borrões e manchas fora de foco. Percebe que existe algo fora do quadro e captura imagens sangradas¹. Não tem precisão

¹ Imagem ou fotografia sangrada é o termo utilizado para caracterizar uma imagem que ultrapassa os limites da borda onde a cultura visual do expectador completa a ação implícita da imagem.

alguma, mas é sensível a isso. E um olhar que percebe além muitas vezes silencia para não ser ele próprio percebido. Porque nem tudo que é visto precisa ou deve ser dito.

E foi importante não insistir num foco para não correr o risco de petrificar.

Por essas andanças me deparei com situações que lembram muito o mito da Medusa, então busquei agir como Perseu nas palavras de Ítalo Calvino:

É sempre na recusa da visão direta que reside a força de Perseu, mas não na recusa da realidade do mundo de monstros entre os quais estava destinado a viver (...) para decepar a cabeça da medusa sem se deixar petrificar, Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento”

(CALVINO, 1990, pg.17)



Isso diz um pouco sobre como foi possível sobreviver em espaços duros e muitas vezes cruéis, pelo que se atravessa dos modos institucionalizados de tratamento ou até mesmo pela ignorância do que se entende por cuidado. No entanto eu jamais ousaria falar em sobrevivência sem antes falar de existência. Até porque mais cruel ainda seria viver sobrevivendo.

E foi através da leveza que eu descobri formas possíveis de existir e me posicionar diante do que está posto, engessado. Mas não se trata de uma leveza aleatória e sim de uma leveza com consistência, determinação e invenção. Como refere Calvino: “É preciso ser leve como um pássaro, não como uma pluma”.

Acho que a arte se coloca por aí. Ela nos sustenta na instabilidade do vento e proporciona novos direcionamentos.

E por esses ares busquei muito por um lugar do artista na saúde. Inutilmente. Porque não se trata de um lugar ou menos ainda de enquadre, mas sim de contágio. E de uma hibridização dos saberes na vontade e disponibilidade mútua para exercitar o diferente. Assim consegui abrir muitas brechas através da sensibilidade e leveza, com trocas afetivas e encontros gentis. Mas as posturas de resistência também foram importantes. Excessivas, beligerantes e passionais, até adquirir alguma esperteza diplomática.

Vivi intensamente as experiências de contágio e apaixonei por essas intensidades. Vivi medo, angústia, desejo, caos, paixão, tristeza, pulso, olhar, surto, mutação, cor, silêncio, falta de ar, grito, ruído, som, desespero, fome, morte, vazio, contensão, vontade, criação, taquicardia, opressão, frio, febre, amor, impregnação, mistura, sufoco, fissura, saudade, memória, palavra, corpo, abraço, dança, vento, ritmo, calor, expressão, arte.

Impossível falar assim sobre uma vida, dos fatos e sentimentos envolvidos, de forma a abranger todos os seus momentos, mesmo se tratando de um curto espaço de tempo.

Optei por uma escrita poética. Composta por palavras e imagens inspiradas no que Foucault fala sobre a “Estética da Existência”. Um pensamento baseado no estilo de vida grego, pautado por uma ética do cuidado de si e preocupado com a criação de um estilo próprio de vida, com livre escolha de regras de conduta. Como refere Didier Eribon:

Trata-se de *regras facultativas* que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida (mesmo o suicídio faz parte delas). É o que Nietzsche

descobria como a operação artista da vontade de potência, a invenção de novas “possibilidades de vida (...) o que interessa essencialmente a Foucault não é um retorno aos gregos, mas nós hoje: quais são os nossos modos de existência, nossas possibilidades de vida ou nossos processos de subjetivação; será que temos maneiras de nos constituirmos como “si”, e, como diria Nietzsche, maneiras suficientemente “artistas”, para além do saber e do poder? Será que somos capazes disso, já que de certa maneira é a vida e a morte que aí estão em jogo?

(ERIBON, 1986, pg. 123)

Portanto não cabem aqui julgamentos, nem a escrita de verdades.

Falo de ética como existência; existência como vida ; e “vida como obra de arte ” (Foucault, 1985). A partir de escolhas próprias, que pincelam os meus modos de viver, pensar e interagir nesses espaços por onde passei. E que perpassam em essência pelo que Deleuze e Guattari (1980) chamam de “ética da experimentação”, num misto de práticas curiosas, experimentais e também transgressoras. Desafiando limites e dando espaço ao improvisado.

Um improviso cotidiano que me fez mais atenta e inventiva. Menos previsível ao encontro e sem vícios de manejo. Com a possibilidade de experimentar outras formas de trabalho através da sensibilidade e do olhar periférico. Sempre com respeito e cuidado às pessoas e aos espaços envolvidos.

Mas improvisar a vida me parece mais fácil do que falar sobre ela.

Nunca fui muito boa com as palavras. Acho que organizar o pensamento é uma das tarefas mais complexas da finalização de alguns processos. Sempre tive mais intimidade com a expressão através de imagens. E não nego também que a supremacia da palavra, acadêmica ou não, muitas vezes me incomoda. Porque nem sempre um conjunto de signos precisa estar combinado dentro de uma lógica comunicacional padrão para se fazer compreensível. Imagem também dialoga e comunica sem legendas. E a compreensão pode se dar muito mais pelo viés da afecção do que pela literalidade dos fatos.

E eu entendo mais sobre o que me toca do que o que simplesmente me diz.

Então estou me propondo ao risco de experimentar essa escrita, remembering e resignificando momentos.

Com texto-palavra, texto-imagem e texto-cor.

O apanhador de desperdícios

*Uso a palavra para compor meus silêncios
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso as palavras para compor meus silêncios*

(Manoel de Barros, 2010, pg. 47)

Do Espaço Liso²

Ter um saco onde coloco tudo o que encontro, com a condição que me coloquem também em um saco.

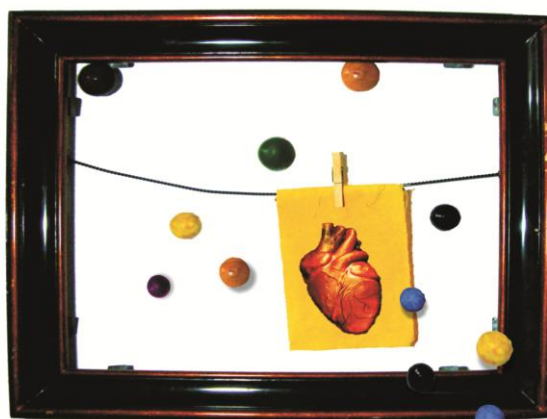
(DELEUZE, 1998, pg.8)



Fotografia de Irina Moriyama³

² O “Espaço Liso: zonas de experimentação entre arte, saúde e pensamento” foi um projeto de extensão (UFRGS) criado por mim, Luciano Bedin, e Lisiane Rabelo, no intuito de aprofundar a pesquisa e valorizar o potencial sensível da arte nos processos de prevenção e promoção de saúde. Durante o segundo semestre de 2012 reunimos um grupo heterogêneo de pessoas vindas dos mais diferentes lugares e cursos, dispostas a estudar e inventar novas maneiras de experimentar a arte como dispositivo para provocação de novos olhares.

³ Os trabalhos e citações abaixo apresentados foram produzidos pelos participantes do Espaço Liso a partir de proposições feitas ao grupo, publicados virtualmente em grupo do Facebook.



ESPAÇO LISO

ZONAS DE EXPERIMENTAÇÃO ENTRE ARTE,
SAÚDE E PENSAMENTO

Atividade de extensão (30h)
Encontros semipresenciais
Interessados enviar carta de interesse
e breve biografia para o email:
lisoarte@gmail.com

Quartas-feiras
das 18h às 19h30
Início em 26/09

Coordenação:
Luciano Bedin da Costa (DEBAS/FACED/UFRGS)
Heloísa Germany (EducaSaúde/ UFRGS)
Lisiane Rabelo Machado (EducaSaúde / UFRGS)

Local:
Faculdade de Educação da UFRGS
Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre -RS



Mas afinal, porque Espaço Liso?

A pergunta ficou pendente por algum tempo.

Que Espaço Liso lhe vem à mente?

Um peixe escorregadio ou um jogo de futebol no sabão.

Uma tela em branco ou bolinhas de aquário. Linhas. Patins.

Mil possibilidades ou o mar.



Fotografia de Glauce Viana

Chegamos ao primeiro encontro com um saco cheio de objetos.
Eu trazia ali um pouco de mim. Coisas de casa.

Foi a primeira provocação.

Instigamos o olhar para às minúcias do cotidiano com o exercício de resignificar objetos.

Vamos lá, olhem, leiam o objeto que vocês têm nas mãos.
Sintam a textura. É liso ou não é? Macio, áspero?
Tem forma de quê?
Me falem da temperatura, da cor.
Como se usa? Qual é a utilidade?
Que memórias aparecem a partir dessa leitura? Que sentimentos?

Desconstruam as definições e criem novos sentidos.
Brinquem de resignificar.

A espátula de bolo se transformou em pássaro.
A bolsa de água quente em rosto.
Ataduras em tripas.
Sorine em animação.
Tênis em chaveiro.
Mostarda em poesia.

Começando a resignificar também os espaços e a vida.



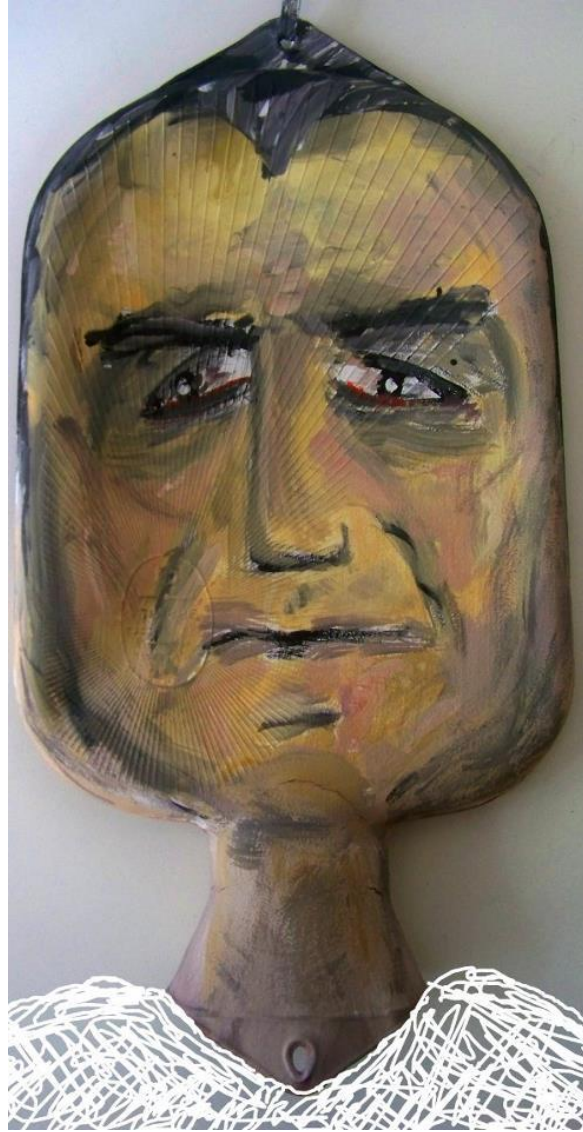
Trabalho e fotografia de Rebeca Ferreira da Costa

“Quem imaginaria que uma lixa, espátula de cozinha, canetas, abridor de garrafas e linha poderia fazer um pássaro? Aparentemente, eu...”

(Rebeca)



Trabalho e Fotografia de Livia Zanchet



Trabalho e fotografia de Luciano Bedin

[o que uma bolsa de água quente faz com um m(eu)]

"Ele escorre para fora do espelho e afoga quem o olha / ele afoga o mundo / quando afoga o mundo ele afoga a si mesmo / ele flutua para longe como um cadáver cheio de música / com o barulho da guerra na cabeça / um riso de bebê em sua barriga / um grito de agonia no escuro mar / um sorriso nos lábios de uma estátua cega / ele estava lá / ele não era eu / eu queria usá-lo para mim"

(GINSBERG, 2010, pg. 141)



Trabalho e fotografia de Marília Jeffman

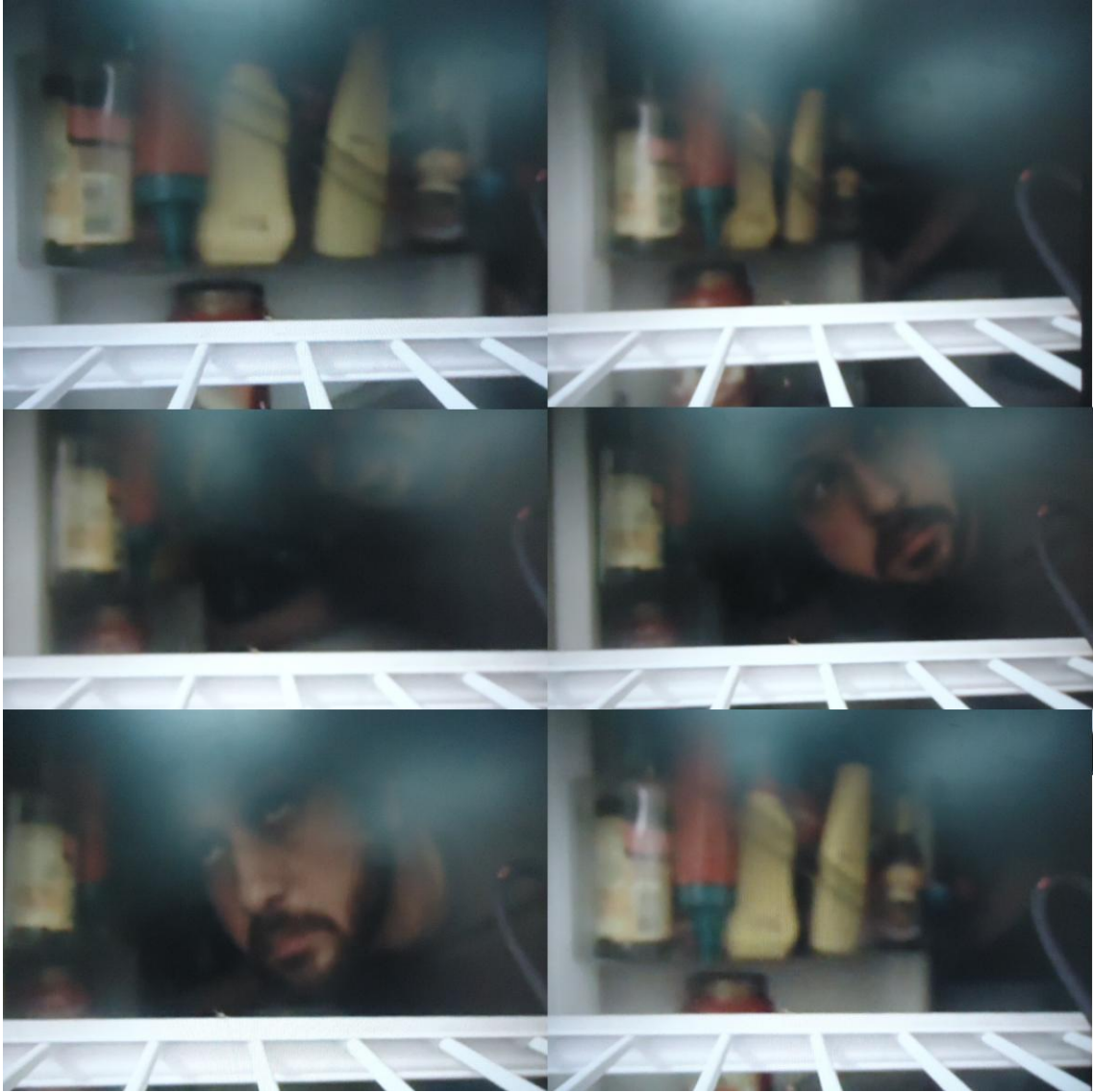
De todo o espaço que não está, é justamente lá que está
por entre nadas
completo de vazio
a angústia do liso, incompleto
o sufoco das rugas, entupidas
(Marília)



Trabalho de Aurora Paz

“É por isso que o mar, arquétipo do espaço liso, foi também o arquétipo de todas as estriagens do espaço liso.”

(DELEUZE & GUATTARI, 1980, pg. 164)



Vídeo de Carlos Eduardo Galon (KJÚ)

“Em busca do tempo perdido.”

(Kjú)

E não ficamos apenas na sala 402.

O Espaço Liso ganhou tom de intervenção.

Na parceria de todos e com os ideais da Livia⁴ levamos a loucura para a rua.

Brincamos de prescrever receitas mais que especiais.

Com jaleco e pílulas mágicas de confetes de chocolate.

Receitamos cambalhotas, traquinagens.

Banhos de chuva.

Sorrisos aleatórios.

Lambidas de cusco.

Perfume de flor.

Sol com bergamotas.

Comidinha de mãe.

Abraços aconchegantes.

Música.

As crianças consultaram várias vezes.

RECEITUÁRIO + que ESPECIAL!
1ª via - Orientação do Paciente

PACIENTE:
PRESCRIÇÃO:

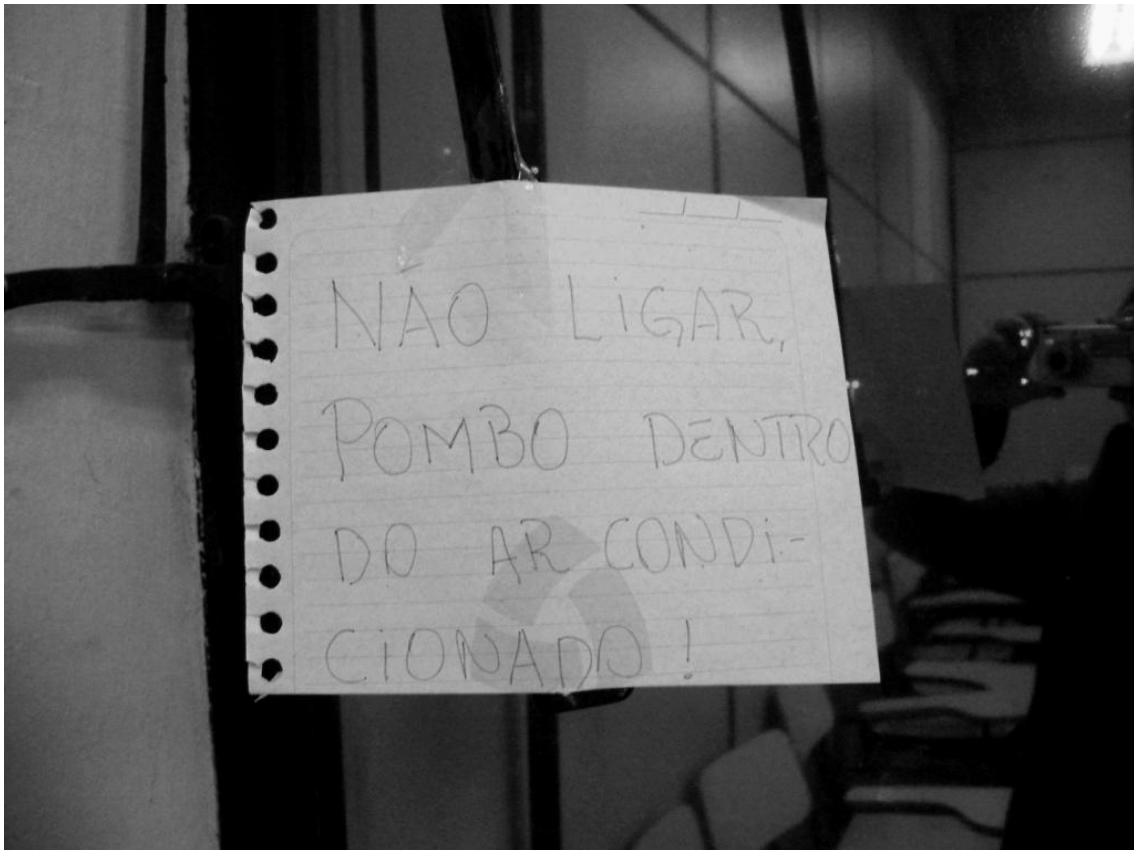
Porto Alegre, ___/___/___

Assinatura do Emissor

IDENTIFICAÇÃO DO EMITENTE
ESPAÇO LISO

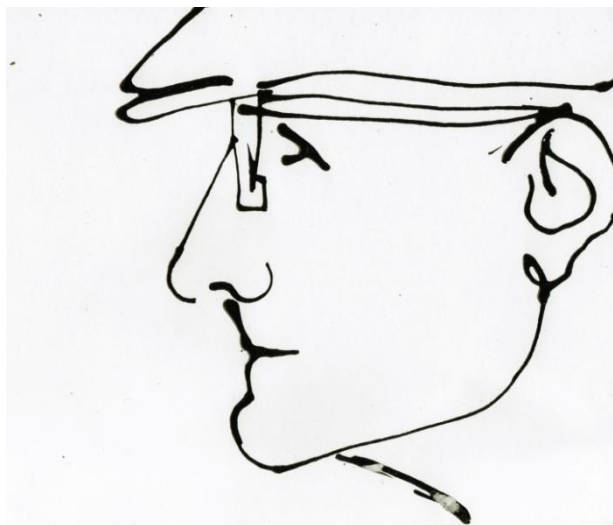
⁴ Livia Zanchet integrante do Espaço Liso. Mestranda no PPG de Psicologia Social e Institucional da UFRGS com foco de pesquisa na temática do estigma da loucura na sua relação com a cidade.

Por um cuidado de todos



Quartas de noite na Faced.

O desenho dos rostos



Aqui são apenas traçados de rostos.

Linhas líquidas, inventadas pelo gesto.

Retratos?

eu não diria.

Copiar rosto já não faz mais sentido.

Prefiro tentar descobrir o som deles.

Descubro gargalhadas em linhas e sensações.

Em dentes ou covinhas.

Ouço também pupilas dilatadas.

E lágrimas percorrendo os sulcos da face.

Vejo gargantas urrando em sufoco.

Observo suspiros de fúrcula.

Vejo a carne em expressão.

Em preto e branco, não mais ou menos.

Na contradição.

Em altos e baixos ou degradês necessários.

Sem pose, com colarinhos engomados ou sorrisos embaraçados.

Não importa.

Não são retratos.

O tule em cena



Mergulhados em movimento.

Enroscados, transparentes, circulantes.

Balço de gente, invenção de ondas.



Figurinos cambiantes na sintonia dos corpos.



O tule se mistura no gesto.

Pano e corpo se confundem na dança.

Momento Abbey Road



Sem pressa.

De tocar e ser tocado



Contatos da pele.

Trem de massagens.

Sara falou sobre outras formas de carinho.

A leveza de pé no chão



Na dança busco o tempo de esquecer.

De ser e não-pe(n)sar.

De ser brisa, folha verde. Passarinho.

De deslocar sentidos e pendular a gravidade.

Em curvas.

Crio meus passos e existo neles.

Vontade de goiaba

Como apreciar?

Tenho uma boa relação com os alimentos. De garfo e faca.

Mãos lambuzadas me afligem.

Faz tempo que não vejo uma goiaba, mas lembro bem do cheiro.

Daqui recordo uma cena marcante de uma oficina de futebol.

Acho que não durou um minuto.

Em direção ao ginásio, pela calçada, alguns andavam mais rápido e outros devagar.

Num ritmo de todos: de respeitar, esperar e também fazer andar.

Até que Leo avistou uma goiabeira pelo caminho e, dela, todos se serviram das frutas bem maduras.

E eu andava um pouco à frente quando percebi o som da pausa. Olhei para trás.

Por alguns instantes só enxerguei Cláudio, entre todos, apreciando uma pequena goiaba.

Ele tinha fome de sabor, vontade de goiaba e destreza de menino.

Simple, singular.

Bonito de ver.

Acho que era a melhor goiaba do mundo.

O trabalho em reabilitação

“Um pouco de possível senão eu sufoco...”

(DELEUZE, 1992, pg.131)

E o possível se revela aqui.

No lugar do flexível e no tempo do respiro.

Me refiro ao Projeto Insere, onde estive por quase um ano.

Lugar de alinhavos e articulação de devires. Abstrato e sem cardápio.

Mas nada que escape à compreensão. É abstrato pela fluidez dos processos e pela abertura de possibilidades de intervenção. E isso me remete ao que Deleuze fala sobre pensamento sem imagem citado por Peter Pál Pelbert (1993, pg 24):

Gilles Deleuze propôs substituir o que ele chamou de uma imagem do pensamento por um pensamento sem imagem. Imagem do pensamento significa grosseiramente uma forma à qual o pensamento está submetido. Ao contrário, forjar um pensamento sem imagem de pensamento, isto é, sem uma imagem prévia do que seja pensar (será isto possível? ou trata-se apenas de outra imagem do pensar?) pode implicar em abrir mão de uma forma, de um modelo. Um pouco como fez a arte abstrata, que ao dispensar a figuratividade pôde liberar cores, linhas e uma série de virtualidades pictóricas até então aprisionadas debaixo da representação figurativa¹. O resultado é mais caótico e enlouquecido, porém mais rico e pluridimensional.

Nesse espaço somos como Pollock. Atuamos sem esboço.

Derramamos tinta líquida sobre uma superfície, com a simples intenção do gesto.

Um gesto técnico, mas sujeito aos respingos do acaso.

Não há controle absoluto sobre nada.

E nesse resultado mais “caótico” as linhas se entrecruzam de tal forma que as bordas e contornos desaparecem. Surgem infinitas possibilidades.

Sempre.

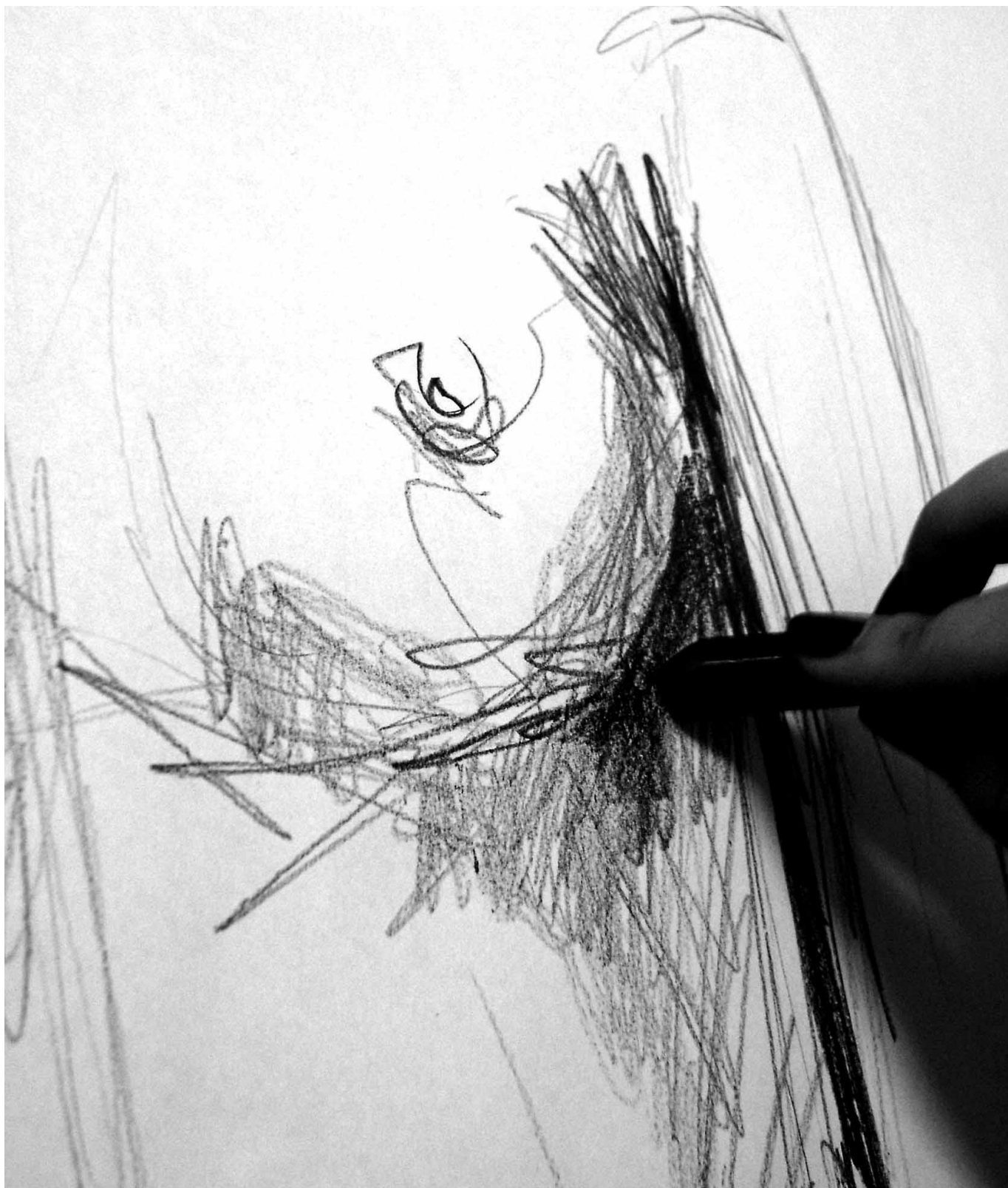


De outras forças

Que não venham de camisas.



Um pouco sobre ser mulher



Elles sont frôleuses, charmeuses, frileuses
Elles sont brûlantes, fondantes, cassantes, soûlantes,
Elles sont fragiles, dociles, habiles
Elles sont promesses et caresses

Elle sont aimables, gentilles indispensables,
Elles sont en elles maternelles, charnelles,
Elles sont multiples, sensibles, joueuses, flexibles,
Elles sont constantes, touchantes, grandantes,
Ardantes, charmantes, troublantes,

Elles sont douces quand elles touchent ou quand elles s'effarouchent.

Elles sont belles quand elles mentent,
Quand elles cherchent et qu'elles tremblent,
Elles sont soupçon, soupir, frisson, peau douce sourire,
Elles sont inquiètes, soucieuses, extrêmes, exquises,
Pénibles, paisibles, nuisibles, sensibles...

Elles sont charmes, qui désarme qui me coûte des larmes,
Elles sont voix de velours, elles veulent tous les détours,
Elles sont biches ou gazelles, emmerdeuse essentielles,
Elles sont courage...ou foutaise.

Elles sont muses éternelles ou épouses infidèles,
Elles sont longues et puis rondes, dans leurs courbes qui fondent,
Elles sont conteuses d'histoires, et des fables du soir,
Elles sont du genre à y croire...

Carla Bruni

Das dores e delícias de ser mulher.

Eva casou aos 13 para sair de casa.

Silvia tem hoje 4 pontes de safena.

Tati será presa por homicídio aos 32 anos, deixando 5 filhos abrigados.

Nara começou a beber ainda menina.

Jura tenta o suicídio novamente aos 60.

Karen fala de Jesus.

Cíntia foi estuprada várias vezes pelo marido.

Jú vendia o corpo pelo vício.

Eva se casou pela segunda vez e hoje tem 4 filhos.

Silvia entregou seu coração a um amor mais jovem.

Tati se pergunta sobre as drogas na clausura.

Nara não pinta as unhas porque hoje trabalha fazendo massas de pizza.

Jura está internada no São Pedro.

Karen desapareceu.

Cíntia foi abandonada pela nova namorada.

Jú pediu medida protetiva para afastar o companheiro.

Amores e desgraças.

Filhos de longe, corpos vendidos.

Maridos cruéis.

Também bons homens.

Vidas despedaçadas.

No grupo de mulheres algumas me enfrentaram. Fizem eu provar um pouco dessa dor que estavam sentindo. Não entendiam o lugar de uma “menina” nessa escuta. E eu que tinha pouco a dizer, ao menos pude dar atenção ao sofrimento.

Mas na troca de gestos e olhares o afeto foi ensinando o grupo a lidar com as diferenças. Criamos cumplicidade, e eu também me resignifiquei como mulher.

Vivi um pouco dessas vidas.

Senti dor.

A menina foi se despedindo, aos poucos. Na confusão de ter que crescer.

Inevitavelmente.

Me despi da vaidade e quis não estar.

Emagreci.

Raspei os cabelos e tentei sumir, apagando qualquer resquício beleza.

Ou traço de moldura.

Nem as unhas eram pintadas.

De cor só o amarelado da pele e um pouco de roxo.

Por algum tempo.



Mas por elas eu voltei. Com mais cor.
Pelos olhos inchados da Jú. Marejados, mas sempre pintados com rímel.
Pelo bom humor da Nara, contadora de piadas.
Pelas declarações embriagadas de emoção da Jura.
Pelo jeito de menina da Karen, inquieta. Que anda por aí.
Pelas tortas maravilhosas da Eva.
Pelo olhar analítico e sorriso esporádico da Silvia.
Pelas novas descobertas afetivas da Cíntia.
Pela verdade no olhar e persistência da Tati.

Por falar de sutiãs que apertam.
Olhar vitrine de calçados e discutir sobre tamanhos de pé.
Rir com piadas de velório.
Descobrir receitas, falar de comida e se preocupar com a balança.
Falar de homens bonitos, como adolescentes.
Falar besteiras.

Enfim, falar da vida.

Voltei pela leveza.
Voltei a usar vestidos.



De um corpo inquieto



Conheci Miro sentado, meio corcunda com as mãos espremidas entre as coxas.
Pouco depois se espremeram entre as axilas, só com os polegares de fora.
Olhava para o chão.
Parecia tão pequeno em torno de si mesmo.
Até que a roda silenciou e ele falou, falou, falou.
Não lembro o quê. Só escutei um corpo espremido.

Descobri que tinha mãos desobedientes, pernas fracas e a cabeça contida.
Tremia muito.
Olhar pra cima, nem pensar!

Acompanhei Miro por alguns meses.
Saíamos a caminhar pelas ruas de Novo Hamburgo e conversávamos em bancos
de praça ou muretas de terrenos baldios. Também com alongamentos e bergamotas.

Miro foi viajante, andou sozinho por muitos lugares e agora me fala sobre a prisão que sente em seu corpo. Da fraqueza, dos desmaios súbitos e da perda de memória. Do perigo em andar só.

- Como posso viajar assim? Ele pergunta.

- Não sei, mas podemos tentar descobrir. Podemos começar ensaiando viagens com o pensamento. Podes me contar mais sobre a Argentina? – Respondo.

Nas nossas pequenas viagens Miro nunca teve crises.

E ele me ensinou sobre pássaros.

Muitos são os corpos inquietos.

Agoniados, transbordantes.

Com ou sem palavras.

Expressivos, com força.

Contidos, babantes.

Vivendo?!

De muros e maçanetas

Sem tempo.

Sem escolha. Sem reais.

Perfume de merda, ar de sobrevida.

Maçanetas suspeitas, traiçoeiras.

Não são de casa.

E os muros eu não alcanço.

De concreto, sem trepadeiras.

Sem vida.

Sem gritos.

Sem ar.

O tempo é outro.

Eterno.

Mãos atadas. Inquietas e agoniadas.

Entre salas, grades, muros.



Pelas brechas.



E cores.

Respiro novamente.

Com óculos e espelhos

Através de Lygia.



“Os quatro espelhos fragmentam a percepção visual do espaço circundante.”⁵

⁵ Em <http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp>

Da morte

Eu morri uma centena de vezes

Amy

E ninguém desconfia.



Ele adormeceu.

Quantos remédios foram necessários para parar essa dor?

As letras falavam de morte. Suicídio.

O nome era o mesmo apelido de meu avô.

Cabelos negros numa cola fina. Corrente na cintura e argola no nariz.

Era músico. Estava bem.

Conversávamos em uma mureta na frente da casa. Ele tinha sempre um cigarro entre os dedos. Uma mulher esguia estava ali, mãe ou namorada, não sei.

Foi a última vez que o vi.

As letras falaram de morte e eu não percebi.

Não apontem culpados, basta o vazio de hoje.

*Há cemitérios sós,
tumbas cheias de ossos sem som,
o coração passando um túnel
escuro, escuro, escuro,
como uma naufrago para dentro de nós morremos,
como afogar-se no coração,
como irmos caindo da pele à alma (...)*

*Ao sonoro chega a morte
Como um sapato sem pé, como um traje sem homem,
Chega a bater como um anel sem pedra e sem dedo,
Chega a gritar sem boca, sem língua, sem garganta.*

*No entanto suas passadas soam
E sua veste soa, calada como uma árvore (...)*

(Pablo Neruda)

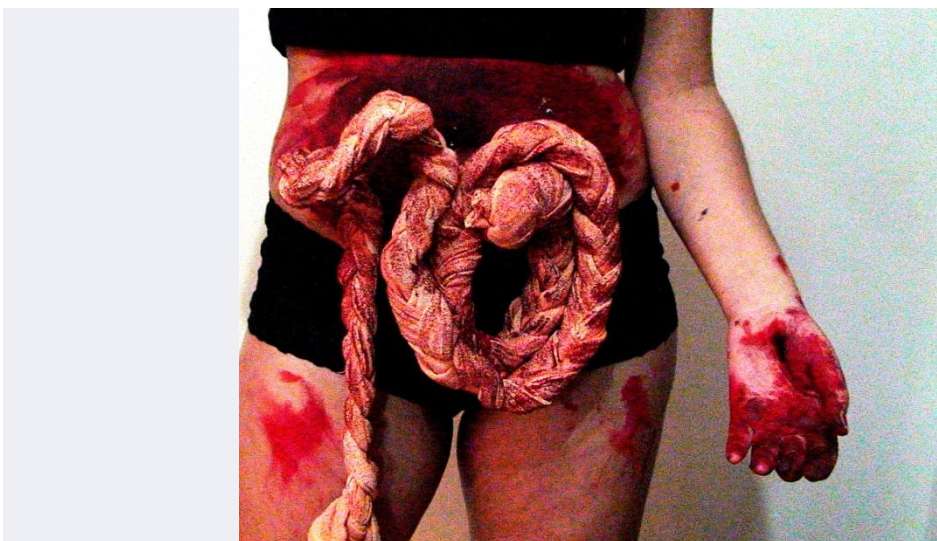
Das cólicas



Espaço aberto.

Cortado, trançado, pintado ,enrolado, manchado, colado.

Exposto.



É tudo de mentira, só ilusão de uma dor visível...

Porque se não sangra, não dói.

E se a loucura grita, é pití.



Dor deve ter cor, cheiro e textura de sangue.

Essa minha dor-arte é forjada, de cinema de horror.

Dor não é o nó das tripas dos emotivo-enjoados, dor é de quem expurga comida estragada e não de quem vomita sofrimento.

A dor vem do alimento mal lavado e não da palavra oprimida.



Repito, é tudo mentira.

Acho que dor pode ter cor de gris, cheiro de falta de ar e textura de quem sente.

Acho que a dor invisível grita por espaço.

Loucura seria não gritar.



E a velha dor da guilhotina persiste, cabeças rolam em direção aos especialistas,
enquanto tripas são tratadas com buscopan.

A lei do silêncio



O colonialismo visível te mutila sem disfarce: te proíbe de dizer, te proíbe de fazer, te proíbe de ser. O colonialismo invisível, por sua vez, te convence de que a servidão é um destino, e a impotência, a tua natureza: te convence de que não se pode dizer, não se pode fazer, não se pode ser.”

(Galeano, 2005, p.157)





Com esse cuidado encontro um jeito mais leve de enlou(querer)cer .

(segue)

Referências

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas – A infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COSTA, Luciano Bedin da. *Estratégias biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

DELEUZE, Gilles & Guattari, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo. Editora 34, 1997.

DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbar. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

ECO, Humberto. *História da beleza*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GALEANO, Eduardo – *O Livro dos abraços*. Porto Alegre (RS): L&PM, 2009.

GINSBERG, Allen. *O uivo e outros poemas*. Tradução de Claudio Willer. Porto Alegre: LP&M, 2010.

NERUDA, Pablo. *Residência na terra II*. Tradução de Paulo Mendes Campos. Porto Alegre: L&PM, 2004.

PELBART, Peter Pal. *A Nau do Tempo-Rei: 7 Ensaios Sobre o Tempo da Loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.